



ANANSI

Revista de Filosofia, Salvador.
Universidade do Estado da Bahia
ISSN: 2675-8385

Emmanuel Mounier: o personalismo e a sua crítica ao individualismo contemporâneo

Emmanuel Mounier: el personalismo y la su crítica al individualismo contemporâneo

Gabriel Sousa Suzart¹

Resumo

O presente trabalho busca estudar um filósofo contemporâneo, em que se tem crescido uma busca em seus estudos, no qual nos apresenta uma filosofia de ação: o personalismo. Desta forma, esta presente pesquisa norteou-se em vista à descrição ao que diz a respeito ao filósofo em estudo, a sua filosofia e a sua crítica ao individualismo contemporâneo. Para tal, fez-se preciso abordar os relevantes aspectos presentes na sua obra principal que aborda sobre o personalismo, bem como o contexto que o pensamento mounieriano se instaura, como também a gênese e o desenvolvimento do individualismo, tendo em vista o entendimento da importância do personalismo e da crítica do autor a essa estrutura dominante no século XX. Para este fim, a pesquisa pautou-se na revisão bibliográfica de obras primárias e secundárias. Assim, diante do abordado examinou-se a relevância da antropologia personalista e o juízo explicitado para com o individualismo contemporâneo.

Palavras-Chave: Emmanuel Mounier; Personalismo; Antropologia; Ética; Individualismo.

Resumen

El presente trabajo pretende estudiar a un filósofo contemporáneo, en el que ha habido una búsqueda creciente en sus estudios, en el que nos presenta una filosofía de la acción: el personalismo. De esta manera, la presente investigación se orientó en vista de la descripción a lo que concierne al filósofo en estudio, su filosofía y su crítica al individualismo contemporáneo. Por ello, fue necesario abordar los aspectos relevantes presentes en su principal obra que trata del personalismo, así como el contexto en el que se establece el pensamiento mounieriano, así como la génesis y desarrollo del individualismo, para comprender la importancia del personalismo y la crítica del autor a esta estructura dominante del siglo XX. Para ello, la investigación se basó en la revisión bibliográfica de obras primarias y secundarias. Así, se examinó la relevancia de la antropología personalista y el juicio explícito hacia el individualismo contemporáneo.

Palabras Clave: Emmanuel Mounier; Personalismo; Antropología; Ética; Individualismo.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia. Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: gabrielss.suzart@gmail.com

Introdução

Emmanuel Mounier (1905-50) foi um filósofo contemporâneo nascido na França que procurou, com a corrente filosófica do personalismo, defender a noção e a dignidade da pessoa em meio a uma série de situações que acabaram por degradá-la. Diante de tantas obras escritas, uma das principais é *O Personalismo*. Nesta obra, além de encontrar a síntese do seu pensamento, também ele realiza tanto um diálogo com outros pensadores como críticas a alguns pensamentos.

Diante de diversas críticas, uma das principais que ele realiza é para com o individualismo, esta que leva o ser humano ao isolamento dos outros indivíduos. Define-se o individualismo, numa análise geral, segundo Abbagnano (2007, p. 554), como

Toda doutrina moral ou política que atribua ao indivíduo humano um preponderante valor de fim em relação às comunidades de que faz parte. O extremo desta doutrina é, obviamente, a tese de que o indivíduo tem valor infinito, e a comunidade tem valor nulo; essa é a tese do anarquismo.

Mounier busca retratar o problema do individualismo e, em contraproposta, mostrar como o personalismo pode traçar uma descentralização do indivíduo em si mesmo tendo em busca a relação entre os indivíduos. O filósofo é perceptivelmente claro ao se opor ao individualismo, uma vez que este coloca o ser humano como “escravo de si mesmo” e o faz ficar fechado em seu próprio mundo. Assim, a problematização que se pensa nesta pesquisa é saber os pressupostos que levam o filósofo a tecer uma crítica a esse sistema.

Assim, procura-se nesta pesquisa contextualizar e apresentar tanto essa corrente, bem como explicitar as características do individualismo contemporâneo quantos pressupostos da crítica do filósofo a esse sistema. Para isto, analisaremos obras e artigos que dizem respeito ao pensamento do autor e de outros aspectos relevantes.

O personalismo mounieriano e a sua caracterização e contextualização

No que concerne ao personalismo, essa corrente, de forma geral, é entendida como qualquer doutrina ou corrente filosófica que tem como base a pessoa e o seu valor superior em contraste ao indivíduo, à coisa, ao impessoal tendo como inimigos: o individualismo e o impessoalismo, uma vez que ambos destituem a dignidade da pessoa (MORA, 2002). Bem como a linha mounieriana compreende-se como a mais completa e destacada. É justamente esta linha que é abordada nesta pesquisa, a qual ele define como. “o primado da pessoa humana sobre as necessidades materiais e sobre os sistemas colectivos que sustentam o seu desenvolvimento” (MOUNIER, 1967, p. 3).

O personalismo mounieriano surge justamente tanto em meio a um contexto quanto para respondê-lo, a partir “de uma tomada de consciência da situação degradada da civilização ocidental. E a sua primeira tarefa era civilizadora, baseando-se em um novo humanismo (SEVERINO, 1974). Compreende-se isto porque Emmanuel Mounier conviveu na época das duas guerras mundiais e observou a dilaceração da pessoalidade do ser humano consequente desses dois eventos bem como de outros. Ao iniciar, assim, seu posicionamento com a sua reflexão e emissão de posição sobre todos esses momentos e crises, como também, sobretudo, a recuperação dos fundamentos humanos.

Em relação a isso, é pertinente abordar a realidade sucedida entre os anos 1914 e 1945, realidade esta na qual houve disputas políticas muito intensas cujas sociedades tiveram significativas peculiaridades e implicações em diversos âmbitos: social, pessoal, espiritual, intelectual, etc. Segundo Vaz (1995), esses anos foram o clímax da crise nos diversos âmbitos nas sociedades, uma vez que desde o século XVIII já havia iniciado essa crise. Das diversas disputas políticas observamos principalmente as duas guerras mundiais, a primeira que ocorreu dos anos 1914-1918, e a segunda, que foi mais marcante e acentuada, 1939-1945. Visto que, após esses dois acontecimentos, houve, de fato, um enfraquecimento do nível humanitário tanto pessoal quanto comunitário, entre outras dimensões, podemos compreender melhor quando Vaz (1995, p. 54) afirma:

Essa crise dos anos entre as duas guerras apresentou-se multiforme e universal: todos os aspectos da vida e da cultura foram por ela atingidos. Sociedade, política, costumes, crenças, saber, mentalidades viram-se penetrados e desarticulados por ideias e eventos que pareciam pôr definitivamente em questão possibilidades de sobrevivência de uma tradição três vezes milenar.

Após esses tempos fúnebres, houve um tempo investigativo e reflexivo sobre estes. Este tempo fora um momento de prognósticos, de análises, de diagnósticos, bem como de iniciativas e projetos nascidos certamente da evidência de que a civilização não acabaria, e, com este novo momento, abre-se um novo ciclo civilizatório quando novos caminhos da história novamente se iluminavam (VAZ, 1995).

Com isto, uma das respostas é o personalismo. Lazaro e Sganzerla (2019, p. 4) afirma:

O personalismo mounieriano surge como resposta às crises sociopolíticas, económicas e financeiras que aconteceram entre 1929 e 1933, em quase toda a Europa, diante das ofensas do fascismo e do totalitarismo à dignidade da pessoa humana, representada como imagem e semelhança de Deus. Nesta situação, os personalistas entenderam esta crise não tanto ao nível político ou económico, mas, sim, ao nível humanitário.

Neste sentido, a ideia central do personalismo “é a existência de pessoas livres e criadoras” (MOUNIER, 2010, p. 8). Assim, veremos sempre que o personalismo busca defender a ideia da pessoa, não sendo um objeto, não sendo uma máquina, ou algo utilizável e descartável que serve aos outros para seus bens próprios. A pessoa é o que ela de fato é: pessoa, e deve ser entendida e compreendida assim; as atividades que a pessoa pode exercer não definem quem ela é. Ela é uma atividade vivida de autocriação, como também de comunicação e adesão, que se apreende e se conhece no seu próprio ato, segundo movimento de personalização (MOUNIER, 2010). Assim sendo, compreendemos de início, para Mounier, quem é a pessoa verdadeiramente.

Uma das mais relevantes ideias do personalismo é que ele se fundamenta na pessoa, relacionando-a com a comunidade, isto é, torna-se uma pedagogia da vida comunitária ligada ao despertar da pessoa acerca de sua própria existência, do seu próprio ser por completo. A pessoa é tomada na sua dimensão temporal encarnada, já que ela possui história, comunica-se e interage com o mundo. O personalismo necessariamente se compreende como um combate pela dignidade da pessoa, e não necessariamente sobre uma pesquisa/estudo sobre ela. Quer transformar e mudar a sociedade, marcada por crises, a partir de uma visão dignificadora da pessoa humana, da sua dimensão social e política após momentos decadentes dos primeiros cinquenta anos do século passado.

Por fim, do que se trata sobre as correntes que influenciaram o personalismo mounieriano, a primeira a ser falada é o cristianismo. Para o filósofo o cristianismo traz uma noção decisiva da pessoa (MOUNIER, 2010). A religião cristã, especificamente a católica, auxiliá-lo-á, em sua essência e base, mesmo que muitos cristãos vivessem ao contrário, à coragem, ao convite para enfrentar as crises e desordens do envolvimento humano. Ela permitia e se fundamentava na vivência do amor, isto é, das ações tendo em vista o desenvolvimento e a integralidade do ser humano e da humanidade. Como também, foca-se na pessoa humana, enquanto criada à imagem e à semelhança de Deus, sobretudo em três aspectos: seu significado, sua unicidade inviolabilidade e na sua dimensão tanto relacional quanto comunitária, assim leva em consideração a pessoa humana como a imagem de Deus, o que é o ponto de partida da reflexão filosófica ao nível ontológico e epistemológico.

Visto a base cristã do personalismo, é pertinente averiguar outros pensamentos que o influenciaram: o marxismo e o existencialismo. Decerto, a filosofia mounieriana é uma atualização, a certo modo, dessas filosofias, visto que acaba por superá-las em dois pontos: o impessoalismo do marxismo e o individualismo do existencialismo. Ou seja, na ótica mounieriana, embora valorize a ação social e comunitária, o marxismo acaba por ignorar a realidade íntima do homem, da sua própria existência, a sua vida pessoal e, de certa forma, dos próprios valores do ser humano. Essa é a dificuldade no marxismo de excluir ou de esquecer-se da pessoalidade. Já com o existencialismo, sobretudo o de Sartre, embora

valorize a relevância que esse dá a pessoa, o pensamento personalista se opõe justamente devido ao individualismo presente, uma vez que existe uma desvalorização de uma comunicação e de uma busca comunitária, bastando o próprio indivíduo e sua vivência apenas para, por e em si. Assim, a filosofia mounieriana trará agora um indivíduo destacando a sua realidade, seu valor como pessoa, em suas estruturas, e que esteja aberto à vida coletiva e às atitudes de revolução do cenário ao redor de si, bem como num caminho à transcendência que se dá no contato com o outro.

A antropologia personalista

No que tange à antropologia personalista, focamos no exame das estruturas do universo pessoal, em vista de um entendimento mais profundo sobre a pessoa no personalismo de Mounier. Vê-se, em sua obra, que as estruturas são: a existência encarnada, a comunicação, a conversão íntima, a defrontação, a liberdade sob condições, a eminente dignidade e o empenhamento.

Sobre a existência encarnada, o autor comenta o dualismo de corpo e espírito. O filósofo afirma com total firmeza que a pessoa é espírito e corpo: “o homem é, com igual direito, corpo e espírito, todo ele ‘corpo’ e todo ele ‘espírito’” (MOUNIER, 2010, p. 23). Para ele, necessita-se no dia de hoje, deixar de ter esse pensamento sobre o dualismo criado em toda a história. Além do mais, respondendo ele, em oposição ao idealismo que trazia uma redução da pessoa ao espírito, comenta que “a minha existência encarnada é um fator essencial da minha base pessoal. [...] De facto, as duas experiências não estão separadas – existo subjetivamente, existo corporalmente – são uma só e mesma experiência” (MOUNIER, 2010, p. 31). Nessa mesma perspectiva, é a partir da experiência corporal que nós vivemos no mundo, agimos, como também nos movimentamos, etc. Assim, necessita-se da compreensão e reconhecimento dessa existência incorporada, de nos afirmarmos como realmente somos encarnados neste mundo: pessoas totalmente espírito e totalmente corpo.

É na comunicação que Mounier vai trabalhar sobre a fundamental experiência da pessoa na comunidade. Nesse sentido, mais propriamente ele retoma diretamente com os aspectos que ele chama de: (i) sair de si, isto é, uma ascensão central da vida pessoal é desapossar-se; (ii) compreender, seria o que chamamos hoje de empatia, o efeito de nos colocarmos no lugar do outro; (iii) tomar sobre si as dores do outro, as alegrias; (iv) dar, estar em uma incessante generosidade e gratuidade, que são as forças vivas do impulso pessoal; (v) ser fiel, para o autor, a dedicação para com a pessoa, o amor e a amizade só são perfeitos na continuidade (MOUNIER, 2010, p. 41-42). Assim, ela, a pessoa, conhece-se e se entende a partir da vivência com o outro, na abertura ao outro, vivendo uma compreensão da sua singularidade e a do outro; participando das dimensões existenciais, isto é, tomando

sobre si as dores e alegrias alheias; em uma contínua doação de si ao outro; com o compromisso de suas dedicações pessoais, isto é, a fidelidade. No entanto, antes desses aspectos é necessária a saída da pessoa de si mesmo, do seu isolamento e fechamento para o mundo afora onde estão outrem, uma vez que ela é capaz de se libertar e totalmente estar em disponibilidade para o próximo.

Ademais, nessa estrutura nós encontramos a segunda dimensão espiritual da pessoa, enquanto a primeira encontraremos na próxima estrutura. Nesta dimensão, a comunhão, no personalismo, é o princípio da vida comunitária e nota-se que é por meio da integração com a comunidade que a pessoa se encontra. Além disso, é pela comunhão – que é o cume da comunicação – que nós nos afastamos das atitudes de isolamento e de exteriorização sem retorno, como também a comunhão é ato puro de amor (NASCIMENTO, 2019, p. 7-8). “Ao libertar aquele que ela chama, a comunhão liberta e confirma aquele que chama. O acto de amor é a mais forte certeza do homem, o cogito existencial irrefutável: Amo, logo o ser existe e a vida vale (a pena ser vivida)” (MOUNIER, 2010, p. 43). Assim, observa-se que pelo amor é que conseguimos vivenciar a comunhão e, conseqüentemente, ele auxilia-nos ao reconhecimento de outrem e de nós, e nessa relação de necessidade de nós com outros e vice-versa. Como nos diz Emmanuel Mounier (2010, p. 43) “a relação interpessoal positiva é, pois, uma provocação recíproca, uma fecundação mútua”.

Como conversão íntima, antes de a pessoa viver uma doação para o outro, ela vive primeiramente para si por meio de sua subjetividade e interioridade. É a partir da compreensão de si que o homem compreende a vida comunitária e, logo após da compreensão desta, que ele retorna para a compreensão de si. Nessa estrutura encontramos o primeiro aspecto da dimensão espiritual que o filósofo em estudo trata: a vocação. É justamente na vocação que vai tratar-se do reconhecimento da pessoa para consigo mesma, tendo um sentido de se encontrar e prosseguindo para o dilatar-se “para se enriquecer, e, mais uma vez, se encontrar, recolhendo-se de novo no despojamento, a vida pessoal, sístole, diástole, é a busca até a morte de uma unidade pressentida, desejada e nunca realizada” (MOUNIER, 2010, p. 60). Como também, é nela, na vocação, que se percebe o princípio espiritual de vida, uma vez que é o princípio de unificação progressiva de todos os meus atos e das situações. É saber quem sou de veras: “sou um ser singular, tenho um nome próprio” (MOUNIER, 2010, p. 60). Somente nesse reconhecimento de si mesmo, no assumir dessa vocação que a pessoa se identifica, verdadeiramente, como ela é: pessoa, e, concomitantemente, assume essa postura. Para haver a construção da pessoa, é essa a dimensão, como de fato deve ser, que serve como alicerce.

Nesse mesmo sentido, a defrontação diz respeito sobre o realizar do homem, havendo em vista que ele é capaz de relações intencionais, uma atividade que possa exprimir-se, lutar, singularizar. Nessa estrutura podemos dizer que o homem é um ser pessoal, isto é, ele é quem

ele é independentemente das ameaças da sociedade – seja de moda, costumes, etc. – que sobrepõem a ele. No entanto, é necessário que o homem se compreenda assim; necessita saber recusar as ameaças para com ele, desligar-se. Ainda mais, relacionado a isso, “existir é dizer sim, é aceitar, aderir. Mas se eu aceitar sempre, se não recusar e nunca me recusar, atolo-me. Existir pessoalmente é, muitas vezes, saber dizer não, protestar, separar-se” (MOUNIER, 2010, p. 66). Dessa forma, é necessário se afirmar, saber e se reconhecer quem é perante os outros e não se introduzir nas ideias dos outros: “a massa dos homens prefere a servidão na segurança ao risco da independência, a vida material e vegetativa à aventura humana” (MOUNIER, 2010, p. 71-72). Ademais, nesta estrutura encontramos a terceira dimensão espiritual: a encarnação, esta “é a objetivação da pessoa, a ‘notoriedade’ através da qual ela se põe no mundo, faz parte da história e, concomitantemente, é responsável por sua construção” (NASCIMENTO, 2019, p. 6-7). Assim, esta está estritamente entrelaçada com a vocação, uma vez que a vocação é a interioridade da pessoa; no entanto, a vocação, para Mounier (2010, p. 63), precisa ser exteriorizada:

A pessoa é um dentro que carece do fora. O termo existir indica, pelo seu prefixo, que ser é desabrochar, exprimir-se. Esta tendência é muito primitiva é a que, na sua forma activa, nos impele a exteriorizar os nossos sentimentos na mímica ou na fala, a deixar a marca da nossa acção em obras visíveis, a intervir nos afazeres do mundo e de outrem.

Ainda mais, é justamente a partir do exteriorizar da pessoa que a sua interioridade é mais fomentada (MOUNIER, 2010). Tomamos por fim que, na encarnação, a pessoa é espírito encarnado, e jamais pode desprender-se das condições e servidões da matéria.

No seu pensamento da pessoa como liberdade sob condições, o autor afirma (2010) que a liberdade não nos faz sermos meros joguetes em pleno universo, e a ausência dela causa no ser humano uma terrível angústia e este não percebe que pode cair em duas formas de liberdade mal defendidas: (i) a liberdade de indiferença que o homem vive de uma indeterminação total no pensar e no agir, isto leva o homem a uma ilusão e, conseqüentemente, à indiferença, além disso, o filósofo contrapõe os liberais e espíritos anarquizantes quando se trata dessa ilusão de liberdade; (ii) o que ele chama de indeterminismo físico: a liberdade que se baseia numa eventual falha do determinismo, o que é um contrassenso já que é apenas uma sombra que nada tem de humano, fora o fato de que se baseia numa fraqueza do nosso conhecimento, esse tipo já se contrapõe à física moderna. Até porque não é um ‘resto’ da adição universal a liberdade do homem.

Outrossim, o homem pode ter a liberdade interior total, uma vez que ela é “a fonte viva de ser, e que um acto só será um acto humano se transfigurar os dados mais rebeldes na magia desta espontaneidade” (MOUNIER, 2010, p. 77). Assim, o homem pode ter liberdade já que a pessoa se faz livre, depois de ter escolhido ser livre (MOUNIER, 2010, p. 75). No

entanto, ela vive limitada e condicionada pela situação concreta, e, nesse sentido, a liberdade absoluta é um mito, uma vez que a pessoa deve reconhecer que o mundo lhe é anterior, antecedente a ele, para aceitar essa condição. Caso negue a sua fraqueza/escravidão, o próprio homem se torna escravo delas. Além disso, para o autor: "o homem livre é um homem que o mundo interroga, e que responde: é o homem responsável. A liberdade, neste fim, não isola, une" (MOUNIER, 2010, p. 82). Em suma, o homem é livre interiormente no mesmo momento que é condicionado e limitado pela situação concreta.

A eminente dignidade, além de todo o seu pensamento personalista, é uma estrutura inspiradora ao cristianismo, uma vez que a realidade da pessoa a leva para uma transcendência íntima, isto é, Deus, que habita em nós. Nessa ideia ele baseia-se em Santo Agostinho: "Deus, diz Santo Agostinho, é-me mais íntimo do que a minha própria intimidade" (MOUNIER, 2010, p. 85). Um aspecto fundamental para a pessoa chegar à sua transcendência é a atividade produtora, no entanto não se trata de qualquer concepção de atividade produtora, de um ativismo diário, uma série de realizações, uma obsessão pelo fazer. Na verdade, diz Mounier (2010, p. 86-87), "a aspiração transcendente da pessoa não é uma agitação, mas a negação de si como mundo fechado, suficiente, isolado no seu próprio jogar. A pessoa não é o ser, é movimento de ser para o ser, e só é consistente no ser que ela intenta".

Ademais, o autor percorre grandes direções de valor juntamente com a sua articulação na vida pessoal. Mounier (2010) trata de sete tópicos que serão brevemente comentados, estes são: (i) a felicidade: este valor não é, e nem deve ser, uma prisão para a miséria fisiológica e social, mas uma ascensão aos valores superiores, denunciando o farisaísmo e nem se prendendo a perfeita organização dos valores vitais e econômicos nos quais muitos designam, em geral, sob o nome de felicidade; (ii) a ciência: é um diluente das realidades pessoais, no entanto, quando ela não as apreende e nem ameaça para pretender negá-las;

(iii) a verdade. Esboço de uma teoria personalista do conhecimento: esta é um objeto de apropriação na qual invoca uma conversão, condição prévia da iluminação; (iv) os valores morais. Linhas de uma ética personalista: inicialmente se relaciona ao abandono ao automatismo pessoal do instinto ou do hábito, como também, à dispersão, ao egocentrismo, à indiferença e à cegueira morais, em contrapartida, requer-se uma conversão – que exige um exercício leve como a liberdade: deve se libertar cada vez mais da preocupação moral pois será melhor a partida;

(v) a arte. Esboço de uma estética personalista: a poesia e outras formas de artes, além de transcendentais, são aspectos centrais da vida pessoal: expressão sensível, em toda a extensão da existência, da gratuidade íntima da existência, além do mais, a arte é um protesto real; (vi) a comunidade dos destinos. A história: nesse sentido, a história existe porque existe

humanidade, e, ainda mais, a história só pode ser dos homens livres uma criação conjunta entre si; (vii) os valores religiosos. Personalismo e Cristianismo: a relação de fé realça apenas a estrutura pessoal, a confiança ou a intimidade suprema e obscura da pessoa numa Pessoa transcendente, além disso, o cristianismo é a religião de uma transcendência que encarna num universo de pessoas, corporificado e histórico.

Por última estrutura, que diz respeito ao empenhamento, é justamente a relação entre ser e fazer, ou nas palavras do próprio filósofo "que a existência seja acção" (MOUNIER, 2010, p. 103). Assim, não tem sentido, para ele, o ser e não agir. A existência e a ação estão intrinsecamente ligadas. Ou até mesmo como diz Severino (1974, p. 106) a "perspectiva do Personalismo de Mounier, a exigência da ação está perfeitamente em harmonia e coerência com a sua concepção dinâmico-estrutural do ser humano".

Nesse mesmo sentido, a ação, para Mounier, pressupõe liberdade. Liberdade esta que só pode ter sua afirmação quando há o agir – a pessoa deve sair de si própria e, em consequência, dar-se em consistência e ao mundo no qual habita. Outrossim, observa-se sobre esse empenhamento quatro exigências para a ação que, segundo o Mounier (2010, p. 105), "modifique a realidade exterior, que nos forme, nos aproxime dos homens ou enriqueça o nosso universo dos valores". Assim, podemos colocar em quatro respectivas dimensões (MOUNIER, 2010): fazer (*poiein*), uma ação que possa levar a transformação, dominação e organização da realidade exterior, esta exigência há em seu fim e em sua medida próprias na eficácia; agir (*práttein*), que leva a uma construção da própria pessoa que é o agente, como medida e fim próprios na autenticidade; a ação contemplativa (*theorein*) isto significa que se necessita do homem inteiro que leve a uma aspiração para um reino de valores que abranja e desenvolva toda atividade humana, o seu fim é perfeição e universalidade, só que por meio da obra acabada e da ação singular. E, por fim, a dimensão coletiva que deve levar a pessoa a uma aproximação com os homens.

É necessário e imprescindível o engajamento do ser do homem. Uma vez que "recusar, por isso, o engajamento é recusar a condição humana" (MOUNIER, 2010, p. 111). Assim, se o homem não se compromete, ele não vive sua condição humana de forma plena e sim, recusa-se a si mesmo. Desta forma, para Mounier (2010, p. 110-111), o homem de ação é justamente aquele que possui em si a dupla polaridade e vai de um polo ao outro, isto é, político e profético, além do fato de combater de forma alternada para garantir a autonomia, como também orientar a força de cada um, e estabelecer comunicações entre ambos.

Portanto, é justamente a partir dessas estruturas pessoais que o personalismo propõe que haverá a realização da sua ideia central, como também conseguirá produzir seus frutos, sendo uma filosofia de ação que, de fato, pretende chamar a pessoa do isolamento, do fechamento à abertura ao mundo e às outras pessoas. Não obstante a isso, há uma oposição

ameaçadora ao personalismo, que vai contra toda as suas estruturas possíveis de edificar o ser humano: o individualismo. Este exerce no homem um poder de deslocá-lo da comunidade para levá-lo ao isolamento de todos, induzindo-o a estar e permanecer sem elo total com os outros. Em suma, essa doutrina compele-o a uma vida autocentrada em si mesmo. Nesse sentido, é de importância buscarmos compreender as suas origens e sua influência sobre o homem no decorrer da história e como Emmanuel Mounier tecerá sua crítica a esse sistema.

Gênese e desenvolvimento do individualismo

Antes de fixar-nos no individualismo na contemporaneidade, necessitamos compreender a origem do individualismo ou, ao menos, parte desta. Para isso, adentramo-nos no pensamento de Louis Dumont, antropólogo, vivido entre os anos de 1911 até 1998. Ele, em seu texto, afirma que o individualismo se inicia a partir do cristianismo, ou ao menos "algo do individualismo moderno está presente nos primeiros cristãos e no mundo que os cerca, mas não se trata exatamente do individualismo que nos é familiar" (DUMONT, 1993, p. 36).

No entanto, embora para Dumont há origens do individualismo no cristianismo, este cristianismo também é influenciado em dois pontos que veremos a seguir. Assim, relacionado ao contexto da época e ao antes deste, e a algumas culturas, Dumont estabelece uma diferença entre holismo e individualismo que se estabelece em duas espécies de sociedade. Dessa forma, ele busca se referir, quando o indivíduo é o valor supremo, ao individualismo; quando é ao contrário, isto é, quando o valor está na sociedade como um todo, holismo (DUMONT, 1993).²

Dentro dessa perspectiva holista, haveria entre os homens pertencentes à sociedade indiana uma forte interdependência, constituindo, assim, um forte controle social. Ainda nesse sentido, diz Jorge Guilherme Teixeira da Fonseca (2009):

Existiria uma "instituição" que permitiria a libertação do homem desta sociedade holista como uma forma de complementação a esta: a renúncia ao mundo como forma de engrandecimento espiritual foi a resposta dada por esta sociedade para criar um lugar para os seus indivíduos.

Observa-se, nesse sentido, que essa renúncia não diz respeito apenas ao isolamento para com os outros indivíduos, mas se refere aos valores mundanos. Diz Fonseca (2009) que

² Na análise de Dumont, há uma questão da origem do individualismo em meio às sociedades holistas, por exemplo, na Índia e que ele relaciona com o cristianismo.

Dumont chama “estes renunciantes de indivíduos-fora-do-mundo, pois seu individualismo está pautado no afastamento dos assuntos mundanos, isto é, da sociedade”, isto porque “o renunciante basta a si próprio, não se preocupa senão consigo” (DUMONT, 1993, p. 35).

Seguindo essa perspectiva, o antropólogo nos mostra que “o mesmo tipo sociológico que encontramos na Índia – o indivíduo-fora-do-mundo – está inegavelmente presente no cristianismo e em torno dele no começo da nossa era” (DUMONT, 1993, p. 39). Assim, procurando relacionar aos cristãos e colocá-los no mesmo âmbito da sociedade encontrada na Índia, ele (1993) mostra que “como disse Troeltsch, o homem é um indivíduo-em-relação-com-Deus, o que significa, para nosso uso, um indivíduo essencialmente fora-do-mundo”.

Por outro lado, o autor coloca no cristianismo, já numa perspectiva e contexto helênicos, ele declara que o cristianismo teria uma influência desta óptica. Neste sentido, há, portanto, um dado histórico-filosófico que, diz-nos Dumont (1993), a respeito à transição do pensamento filosófico de Platão e Aristóteles às novas escolas do pensamento filosófico: epicurismo, cinismo, estoicismo. Estas, neste período helenístico, acabavam por ensinar a sabedoria a partir da renúncia ao mundo. Ele relaciona melhor essa questão quando afirma: “Platão e Aristóteles, depois de Sócrates, souberam reconhecer que o homem é essencialmente um ser social. O que seus sucessores helenísticos fizeram foi, no fundo, postular como ideal superior o do sábio desprendido da vida social” (DUMONT, 1993, p. 41). Vê-se, nisso, uma dicotomia radical entre sabedoria e mundo.

Nota-se, em Dumont, nessa relação das religiões ao individualismo, que Cristo e Buda teriam uma semelhança, esta seria uma “preocupação exclusiva do indivíduo unida a – ou, melhor, fundada em – uma desvalorização do mundo” (1993, p. 43). Além disso, devido ao fato de o cristianismo e o budismo serem religiões universais e propagadoras das suas crenças, a propagação de seus valores no espaço e tempo acabam por, diz Dumont (1993), propiciar a consolação a inúmeros homens. Ademais, observa-se ainda nessa perspectiva, uma vez que o individualismo se intensifica no cristianismo quando se vê uma dicotomia ordenada quando esta religião apela para dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus, relacionando à separação entre os valores espirituais e mundanos e à fraternidade e igualdade de todos os homens em Cristo. A partir disso, diz Dumont (1993, p. 44-45):

O individualismo extramundano engloba reconhecimento e obediência quanto às potências deste mundo. Se eu desenhasse uma figura, esta representaria dois círculos concêntricos, representando o maior o individualismo-em-relação-com-Deus e o menor a aceitação das

necessidades, deveres e obediências no mundo, ou seja, a inserção numa sociedade pagã, depois cristã, que nunca deixou de ser holista.

Dumont (1993) ajuda-nos a compreender sobre essa figura, mostrando “em que a referência primária, a definição fundamental engloba como sua antítese a vida mundana, em que o individualismo-fora-do-mundo subordina o holismo normal da vida social”, nisto, observa-se que é capaz de conter economicamente todas as principais transformações subsequentes conforme as formula Troeltsch. Seguindo assim, entende-se: o que vai acontecer na história é que o valor supremo exercerá uma pressão sobre o elemento mundano antitético que contém. Assim, a vida mundana será, por etapas, contaminada pelo elemento extramundano até que finalmente a heterogeneidade do mundo por completo se desvaneça. Dessa forma, o campo por inteiro estará unificado, e, a partir disso, o holismo desaparecerá da representação, logo a vida no mundo será concebida como podendo conformar-se inteiramente com o valor supremo e, ulterior a isso, o indivíduo-fora-do-mundo ter-se-á transformado no moderno indivíduo-no-mundo. Concluindo, observa-se que isso trata-se da prova histórica da extraordinária potência da disposição inicial.

Na perspectiva com o cristianismo, vê-se que a separação que esta própria religião fez entre o espiritual e mundano não perdurou por muito tempo, uma vez que os imperadores, tanto os que eram romanos quanto os bizantinos, eram sacrossantos em seu poder, isto é, tinham poder, tanto espiritual quanto secular. Nesse sentido, o cristianismo perde um pouco da característica de renúncia ao mundo, e a Igreja transforma-se, com o tempo, também num Estado próprio. Ao decorrer do tempo, fala-nos Fonseca (2009) que “a descida da Igreja em direção ao mundo encontrou sua máxima extensão com Calvino, em sua doutrina a separação a espiritualidade e os valores mundanos desaparecem por completo para transformar o homem Ocidental no indivíduo-no-mundo”.

A vontade, como também a majestade, é a principal característica de Deus para Calvino. Nesse sentido, o Deus de Calvino “é o arquétipo da vontade, no qual pode ver-se a afirmação indireta do próprio homem como vontade e, para além, a afirmação mais forte do indivíduo, oposta, se necessário, ou superior à razão” (DUMONT, 1993, p. 65). Dentro dessa perspectiva, Dumont (1993, p. 65) afirma que “à primeira vista, haveria aí mais uma limitação do individualismo do que seu progresso. E Troeltsch vê no calvinismo uma forma particular de individualismo, muito mais do que um individualismo intensificado”, no qual o próprio Troeltsch “adverte-nos contra uma interpretação que veria em Calvino um individualismo atômico sem freio” (DUMONT, 1993, p. 66).

Fonseca (2009) para melhor compreendermos esta questão do calvinismo, nos diz que, em síntese, “a religião se tornou um assunto mundano como a política da cidade, e os indivíduos acompanharam sua descida terrena, para se transformarem em indivíduos mundanos”. Uma vez que “se Deus é vontade e sua vontade se manifesta no sucesso mundano

dos eleitos que indica sua predestinação, logo os eleitos fazem uma comunhão com o divino cuidando dos assuntos mundanos”, aborda-nos Fonseca (2009) e, continua, estes assuntos, sob o ponto de vista da religião são cuidados, “pois a Igreja, adentrou no mundo como uma instituição de disciplina e santificação, responsável pela cristianização da cidade, sob a égide dos eleitos de Deus”.

Dumont (1993, p. 63), portanto, afirma-nos, com firmeza: não é complicado compreendermos a tese, ela é simples, "com Calvino, a dicotomia hierárquica que caracterizava o nosso campo de estudo chega ao fim: o elemento mundano antagônico, ao qual o individualismo devia até então reservar um lugar, desaparece inteiramente na teocracia calvinista". A partir disso, conclui o antropólogo (DUMONT, 1993, p. 63), que o campo se unifica completamente. Doravante, "o indivíduo está agora no mundo, e o valor individualista reina sem restrições e nem limitações". Há, assim, o indivíduo-no-mundo à nossa vista e, ainda mais, este, com as seitas e com o Iluminismo continuará a existir.

Embora a religião cristã estivesse presente em todo esse tempo com sua intensa e significativa influência, a partir de um momento – ao iniciar a modernidade – ela começa a declinar, a sociedade passa por transformações e, dessa forma, os indivíduos, na sociedade moderna, buscam ter uma independência no pensar e no agir. Jardim (2004, p. 25), ao partir de outra época para falar sobre o individualismo, diz que "Simmel discorreu algumas reflexões sobre o 'indivíduo e a liberdade'. No período renascentista o indivíduo buscava a singularidade, autorresponsabilidade, a liberdade, ou seja, a individualidade". A partir disto, conclui ele (2004, p. 25) “todos estes conceitos fizeram parte da construção do que viria a ser o individualismo moderno”. Nessa mesma perspectiva, o homem moderno tende a renegar, em todos os aspectos, a sua subordinação para com as instituições existentes, sobretudo as sociais, distanciando-se das crenças e das regras por estas colocadas e fixando apenas no seu pensamento, impondo-se sobre todas as dimensões possíveis.

Jardim (2004) nos traz que o individualismo moderno é, na realidade, determinado e condicionado pela mesma cultura moderna homogeneizante, como também pela sua ideologia e não necessariamente pelas particularidades individuais. De qualquer forma, o individualismo ganha respaldo de fato enquanto objeto científico certamente na cultura moderna. Ademais, alguns pontos: primeiro afirma que o individualismo renascentista tomava como fundamento a igualdade natural entre os homens, a partir deste discurso de liberdade. Portanto, “assim como diz Simmel: 'o lugar mais profundo da individualidade é o da igualdade universal'. E em um último momento, a singularidade e a liberdade parecem fazer-se como fins últimos do homem renascentista” (JARDIM, 2004, p. 25).

Nesse progresso, observamos em Antonio Glauton Varela Valera Rocha, ao vê-lo comentar sobre o individualismo e a contemporaneidade, a afirmação de que uma das

formas do individualismo é o primado da subjetividade. Uma vez que "sem indivíduo não há subjetividade e foi justamente no contexto de suprema exaltação do indivíduo que a subjetividade encontrou a base que lhe permitiu a primazia que ostentou na modernidade" (VALERA ROCHA, 2010, p. 16). Dessa forma, a partir dessa subjetividade mostrada por ele, observa-se que o individualismo começou a tomar uma enorme proporção na contemporaneidade; o indivíduo tornou-se independente no plano político, econômico, epistêmico, como também na ética. Nesta última, há uma relação com Immanuel Kant: o "sujeito deveria seguir o imperativo categórico, e para descobrir e entender este imperativo era suficiente o indivíduo sozinho e a sua racionalidade" (VALERA ROCHA, 2010, p. 17).

Há um crescimento e fundamentalismo do individualismo quando se entrelaça a alguns movimentos e em algumas áreas. Este se fortalece a partir dos planos (que foram citados). Na filosofia política, individualismo é "a teoria que exalta o indivíduo em detrimento da superposição estatal" (VALERA ROCHA, 2010, p. 17). Como o individualismo se tornou independente em diversos planos, isso é devido ao fato que antes dela havia uma submissão total das partes dos indivíduos ao Estado. Mas, havia uma insatisfação por parte da burguesia que criticava o regime absolutista e era contra este. Os burgueses realizaram sua luta contra este regime com teorias que contrariavam o organicismo, a sociedade que, segundo Valera Rocha (2010, p. 17) "era organizada segundo a ideia de que o todo é anterior à parte e que esta carece de sentido sem a referência ao primeiro".

Outrossim, os jusnaturalistas – advindos do jusnaturalismo, teoria que procura fundamentar o direito no bom senso, na racionalidade, na equidade e no pragmatismo – não se propõem a uma descrição de assuntos humanos por meio de uma teoria; tampouco procuram alcançar o patamar de ciência social descritiva, na realidade "compreendiam o indivíduo como dotado de direitos e de uma dignidade anteriores ao estado" (VALERA ROCHA, 2010, p. 17). Assim, o que determinava esses direitos, segundo eles, era a própria natureza humana e, ainda mais, o Estado necessitava os reconhecer e defender. Dessa forma, inicia a concepção fundamentalista que se torna a base do liberalismo burguês. O interesse individual se torna uma marca exigente por esse liberalismo tanto na esfera política, chamada de "contratualismo" e na esfera econômica chamada de "capitalismo".

A partir dessa explanação sobre o individualismo contemporâneo e as suas origens e o seu desenvolvimento, compreenderemos de agora em diante a crítica de Emmanuel Mounier sobre esse movimento. Ele será um desses reais opositores nesse advento da contemporaneidade.

A crítica mounieriana

De antemão, para compreender melhor a crítica de Mounier ao individualismo, deve-se entender que esta busca apontar nesse movimento uma determinada incoerência em todos os seus âmbitos. O seu questionamento se dá primeiramente a uma determinada visão de homem, uma vez que as ramificações diversas do individualismo referem sempre de alguma forma ao homem. Logo, se Mounier tecer sua crítica sobre o individualismo no aspecto antropológico, as incoerências nas ramificações serão reveladas.

Ao estudar o pensamento mounieriano, nota-se que se fala de um inimigo dessa filosofia pessoal-comunitária, o personalismo, que se chama individualismo. O individualismo faz da pessoa um ser isolado da sociedade, muitas vezes apenas se fechando aos seus amigos e família, e abandona, imperceptivelmente e/ou perceptivelmente, a sociedade. O individualismo tem seus traços em alguns filósofos clássicos e modernos, uma vez que o primado da subjetividade se tornou a característica fundamental da filosofia moderna e perpassado por muitos filósofos contemporâneos, representou uma verdadeira reviravolta no pensamento filosófico e será profundamente hegemônico até encontrar reais opositores a partir do advento da contemporaneidade. À vista disso, dentre tantos contrapostos a essa ideia, encontra-se Emmanuel Mounier.

Dessa forma, desde o século passado, quando o filósofo começou seu estudo e resposta contra o individualismo, que iniciara com muitos filósofos modernos e contemporâneos – uma vez que Mounier demarca em sua obra *O personalismo*, principalmente os revolucionários burgueses –, nota-se que ainda na nossa sociedade hodierna há uma grande marca desse sistema, que leva o indivíduo a um isolamento, desintegrando-o da sociedade, como já fora dito.

Nesse sentido, o pensamento de Mounier auxilia nessa descentralização do ser em si mesmo de forma egoísta e o auxilia na compreensão de mundo, de forma mais intensa e profunda, a partir do momento em que se une a outrem. Mounier pode contribuir para a nossa contemporaneidade com uma melhor relação entre indivíduos e uma melhor compreensão do homem em/para si mesmo, como também uma melhor atuação. Assim, o próprio filósofo afirma que o ser humano é “uma actividade vivida de autocriação, de comunicação e de adesão, que se apreende e se conhece no seu acto, como *movimento de personalização*” (MOUNIER, 2010, p. 10).

O inimigo do personalismo, ao menos do personalismo mounieriano, leva o indivíduo ao isolamento. Uma vez que essa é uma defesa da pessoa, o individualismo já não leva o homem a uma compreensão do seu ser no mundo e, nem tampouco, do seu itinerário enquanto ser vivente, ser este que sempre está em relação com o outro e necessita do outro para construir a sua própria personalidade durante sua vida.

Assim, essa ideia fundamenta-se na pessoa, relacionando-a com a comunidade, isto é, torna-se uma pedagogia da vida comunitária ligada ao despertar da pessoa. A pessoa é tomada na sua dimensão temporal encarnada, já que ela possui história, comunica-se e interage com o mundo. Como também essa corrente filosófica se apresenta como uma filosofia buscada para interpretar e, sobretudo, transformar a sociedade na época

Por trás de todo o início do individualismo em suas esferas está a formulação de uma nova visão de homem que "foi fruto de uma luta legítima e gerou uma real emancipação do homem, pois ao menos defendeu certos direitos que antes eram ignorados" (VALERA ROCHA, 2010, p. 17); isto foi um ponto positivo que esse movimento trouxe. No entanto, acabou-se por desviar para uma visão que reduziu o indivíduo trazendo um problema de base que era a visão atomista e, a partir dessa antropologia, houve problemas para uma fundação de uma sociabilidade.

Mounier (2010, p. 38) afirma:

O individualismo é um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições, que instala o indivíduo nas atitudes de isolamento e de defesa. Foi a ideologia e estrutura dominante da sociedade burguesa ocidental entre os séculos XVII e XIX. Um homem abstracto, sem vínculos nem comunidades naturais, deus soberano no seio de uma liberdade sem rumo nem medida, virando, primeiro, para outrem a desconfiança, o cálculo e a reivindicação; instituições que se limitam a garantir a contenção destes egoísmos, ou o seu melhor rendimento pela associação reduzida ao lucro: tal é o regime da civilização que agoniza sob os nossos olhos, um dos mais pobres que a história conheceu. Ele é a própria antítese do personalismo, e o seu mais próximo adversário.

Nisso, ele destaca que o homem é compreendido como átomo, isolado de tudo e independente, como também, voltado à doutrina dos direitos naturais, isto é, que detém os direitos de sua própria natureza. Assim, ao ser concebido deste modo, faz-se entender que o indivíduo acaba por ser compreendido como pertencente de uma dignidade que é alheia a qualquer fator externo que seja. No individualismo, isto era necessário, pois o intuito era o de se tornar independente ao Estado e a qualquer poder que lhe fosse superior. No entanto, o desvio se dá pelo fato de o homem se tornar também independente aos outros indivíduos, incluindo também tudo que está para além do seu próprio mundo; logo, uma atitude de isolamento e de defesa.

Também surge na crítica do filósofo a visão de um homem abstrato, já que é "somente numa abstração podemos conceber um homem sem vínculos, não inserido em comunidades naturais, detentor de uma liberdade suprema e sem limites" (VALERA ROCHA, 2010, p. 22), e ressalta-se novamente sobre o isolamento e defesa tendo em base apenas a razão humana, mas que usada de forma individual e a favor do indivíduo, o que também se pode chamar de

solipsismo radical. Destarte, é perceptível que há um ótimo instrumento teórico contra o regime absolutista. No entanto, para haver uma sociabilidade, uma organização social não há serventia e, ainda mais, consegue enfraquecer qualquer tipo de convivência. Além do mais, a partir desse instrumento contra a sociabilidade, vê-se que "a sociedade moderna é fruto da tentativa burguesa de fundar uma sociabilidade a partir do individualismo, isso no plano político e especial no plano econômico" (VALERA ROCHA, 2010, p. 22), já que os burgueses tinham em vista que o plano econômico era de maior relevância do que o político, e isto é um dos pilares para a implementação do capitalismo.

No que concerne necessariamente aos revolucionários burgueses, Mounier, ao realizar uma crítica do que o Romantismo realiza a partir do contexto em que ele vivia, ele diz que este "romantismo incrementa a paixão do indivíduo em todos os registros da afetividade, mas, no isolamento para que o arrasta, deixa apenas a escolha entre a solidão desesperada e a dispersão do desejo" (MOUNIER, 2010, p. 18). A questão é ao recuar "perante esta angústia nova, e receando as imprudências do desejo, o mundo pequeno-burguês recalca-as por detrás de um abrigo de medíocres satisfações; instaura o reino do individualismo precavido" (MOUNIER, 2010, p. 18). Nesse sentido é que tais revolucionários fazem que o advento do individualismo seja intenso e marcante na sociedade contemporânea.

Para o filósofo em estudo, as pretensões, além de ilusórias, do liberalismo burguês traziam um egoísmo racionalizado mascarado. Além do mais, a desconfiança, o calculismo e a reivindicação são os tipos de olhares dos indivíduos – do individualismo – possuídos de sua liberdade suprema, da mesma forma que a asseguuração da convivência mútua dos egoísmos faz parte das instituições individualistas. Assim, "segundo Mounier, esta visão de homem e estas instituições estão fadadas ao fracasso na missão de fundar uma sociabilidade porque, como vimos, a concepção atomizante do homem não seria mais que uma abstração" (VALERA ROCHA, 2010, p. 23). Tal visão foge da realidade do personalismo mounieriano que busca captar todo o problema, todo o desafio humano em toda a amplitude da humanidade concreta (MOUNIER, 2010) e busca restabelecer a humanidade na sua própria relevância, também travando batalhas contra estas instituições.

Além do mais, "um ordenamento social que se pautasse nesta concepção de homem não seria legítimo, pois o Estado não é de per si legítimo, para tanto precisa responder às exigências específicas da dignidade da pessoa" (VALERA ROCHA, 2010, p. 23). Dignidade esta que já foi comentada e que nem todas as formas de Estado conseguem responder às exigências dessa esfera. Nessa perspectiva, Mounier (2010) vai dizer que o individualismo desnorteado acaba por recluir, no que diz respeito a alguma forma de ideologia política, se assim podemos chamar, tanto a anarquia em que mergulha o ser humano quanto o

coletivismo que o ameaça, fazendo-se pensar uma aparente defesa da pessoa, mas na realidade é uma atitude contrária a esta.

O individualismo, para Mounier, não dá conta da real condição da pessoa e, assim, de fixar uma sociabilidade. Esse movimento traz uma noção de independência tão radical que se refere à relação entre os indivíduos e o Estado, porém, acaba, na realidade, rescindindo um laço com os outros indivíduos. Em contrapartida a isso, “a primeira preocupação do individualismo é centrar o indivíduo em si” (MOUNIER, 2010, p. 39).

No pensamento mounieriano é fato que cada um possui um valor individual que independe dos outros para possuí-lo, o que a certa medida o individualismo traz em suas bases. Contudo, isso não implica, de forma alguma, que se deve portar-se com os outros de forma indiferente, fazendo que o indivíduo se bastasse a si próprio. Como já foi apresentado nas características do personalismo, a dimensão comunitária é necessária no universo estrutural do indivíduo, e dessa forma, é necessário que o indivíduo esteja em relação com a comunidade.

Um ponto que se pode compreender sobre esta exaltação exacerbada e única ao aspecto individual, é o fato do existencialismo que embora “chama o homem moderno, atordoado pela descoberta e pela exploração do mundo, à consciência da sua subjectividade e da sua liberdade” (MOUNIER, 2010, p. 17), acaba por levar ao esquecimento do outro. Assim, apesar de valorizar a relevância que o existencialismo dá a individualidade da pessoa, o pensamento personalista se opõe justamente devido ao individualismo presente, uma vez que existe uma desvalorização de uma comunicação³ e de uma busca comunitária, bastando o próprio indivíduo e sua vivência apenas para, por e em si. Assim, a filosofia mounieriana trará agora um indivíduo destacando a sua realidade, seu valor como pessoa, em suas estruturas do universo pessoal, e que esteja aberto à vida coletiva e às atitudes de revolução do cenário ao redor de si.

Em suma, compreendemos na crítica mounieriana que ela se constrói a partir das contraposições que, sem dúvida alguma, reduzem o espaço de legitimidade do individualismo, ao menos no campo teórico, uma vez que o individualismo não auxilia para uma construção e estruturação de uma sociabilidade que tenha em vista a dignidade da pessoa comentada por Mounier. Sendo assim, Mounier ao defender a dignidade da pessoa e traçar as suas estruturas, coloca relevante e marcadamente a necessidade de se conceber a pessoa tanto no seu aspecto individual quanto no seu aspecto comunitário.

³ Lembrando uma das estruturas do universo pessoal abordado por Mounier

Conclusão

Vivido no século XX, Emmanuel Mounier observou as realidades fúnebres ocorrentes nesse período, acontecimentos que fizeram ter uma alteração no valor humanitário, desdobrando em uma crise deste. Ao perceber isso, ele examina atenciosamente a pessoa humana e busca trazer à tona seu valor, como também observa e critica as várias situações e correntes que procuram destituir a dignidade humana.

O objetivo desta pesquisa é justamente aprofundar e contextualizar o personalismo de Mounier na filosofia contemporânea, como também explicitar as características do individualismo contemporâneo - o mais próximo adversário do personalismo - e compreender os pressupostos da crítica do filósofo a esse sistema.

Viu-se que o individualismo traz à vida humana uma condição de isolamento. Ao, ao trazer as análises de Louis Dumont, para este as origens do individualismo encontram-se na religião cristã - embora não seja o individualismo familiar a nós. Embora o individualismo, segundo Dumont, origina-se, em alguns pontos, na religião cristã, há uma formação e desenvolvimento daquele ao decorrer do tempo, já com traços em culturas antes das origens no cristianismo. Na modernidade e contemporaneidade, o individualismo ganha seu ápice, visto que, respectivamente, na primeira época dita, os indivíduos buscam se afastar o máximo possível das instituições, das regras e normas e buscam viver a singularidade, a autorresponsabilidade, a liberdade, ou seja, a individualidade. E na última época, o primado da subjetividade toma-se como uma das formas principais desse individualismo, como já vimos anteriormente.

Ademais, é interessante como o personalismo de Emmanuel Mounier, deveras, busca trazer um enriquecimento humanitário, a partir de aspectos do cristianismo, o qual ele segue, em meio a um pós-mundo fragmentado e mutilado de tantas dores existentes, e o enriquecimento comunitário o qual é ulterior e conseqüente ao humanitário. Especificamente em sua antropologia, há aspectos fundamentais na vida humana que podem auxiliar nesse enriquecimento humanitário, o que ele chama de estruturas: a existência encarnada, a comunicação, a conversão íntima, a defrontação, a liberdade sob condições, a eminente dignidade e o empenhamento. Estas estruturas devem sempre ser reconhecidas e refletidas para uma melhor compreensão e valorização do ser humano.

Embora não seja um filósofo muito estudado e conhecido no tempo atual, ele pode contribuir muito para compreendermos o quanto o individualismo pode nos influenciar no dia a dia. Deveras ele pode nos auxiliar sobre o que diz respeito a isto, como também à própria formação humana sobre cada um de nós, ensinando-nos a sermos comunicáveis e termos relações que não nos permitam isolamento e afastamento, mas nos ajudem a compreender a real importância da comunidade e a relação com cada um de nós.

A oposição de Mounier ao individualismo, como resposta à problematização colocada no início, é uma crítica que mostra incoerências em suas esferas, visto que há nesse sistema uma visão reducionista e isolada do homem. Dessa forma, no individualismo, a pessoa basta-se a si próprio e independe da relação e comunhão com outrem para sua própria edificação. Ademais, porque o individualismo, segundo nosso filósofo em estudo, não dá conta da real condição da pessoa e nem há possibilidade de sociabilidade, vemos como esse movimento, francamente, traz uma independência tão radical no que diz respeito à relação entre outras pessoas e o Estado, ao permitir, assim, uma ruptura, focalizando o indivíduo em si mesmo. Por fim, no pensamento mounieriano, o individualismo não permite uma construção e estruturação de uma sociabilidade que tenha em vista a dignidade da pessoa.

Ademais, há, sem dúvidas, muitas áreas relativas ao tema que mereceriam, dada uma outra ocasião, uma investigação mais aprofundada. Salienta-se um aprofundamento no que diz respeito ao estudo da relação entre o *cogito* de Mounier sobre o individualismo, como também a possibilidade de as três dimensões espirituais comentadas estarem em concomitância com a crítica sobre o sistema adverso ao personalismo; ademais, a relação e influência direta dos outros filósofos modernos e contemporâneos que tratam sobre a singularidade do indivíduo para com esta corrente antagônica.

Por fim e em contrapartida ao individualismo, “ao libertar aquele que chama, a comunhão liberta e confirma aquele que chama. O acto de amor é a mais forte certeza do homem, o cogito existencial irrefutável: Amo, logo o ser existe e a vida vale (a pena ser vivida)” (MOUNIER, 2010, p. 43).

Referências

ABBAGNANO, Niccolò. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DUMONT, Louis. **O Individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

FONSECA, Jorge G. T. da. O cultivo de si e o individualismo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, maio, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9106/7489>. Acesso em: 10 ago. 2021.

JARDIM, G. A. da Silva. O individualismo na cultura moderna. **CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, v. 2, n. 7, p. 23-31, jul. 2017. Disponível em

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/article/view/46860/28326>.

Acesso em: 12 ago. 2021.

LAZARO, J.A.; SGANZERLA, A. O Personalismo de Emmanuel Mounier, a dignidade da pessoa humana e a crise de valores na Sociedade Moçambicana.

REID - Revista Electrónica de Investigación e Desenvolvimento, v. 2, n. 10, p. 1-12, 2019.

https://www.academia.edu/45685655/O_Personalismo_de_Emmanuel_Mounier_e_a_dignidade_da_pessoa_humana. Acesso em: 14 mar. 2023

MORA, José F. **Dicionário de filosofia**: TOMO III. 2ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2010.

MOUNIER, Emmanuel. **Manifesto ao serviço do personalismo**. Lisboa: Livraria Morais, 1967.

NASCIMENTO, F. S. A concepção de pessoa no pensamento de Emmanuel Mounier. **Cadernos Zygmunt Bauman**, [S. l.], v. 9, n. 20, 2019. Disponível em:

<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/11033>. Acesso em: 25 jun. 2021.

SEVERINO, A. J. **A Antropologia Personalista de Emmanuel Mounier**. São Paulo: Saraiva, 1974.

VARELA ROCHA (UFC), A. G. O Individualismo e a Contemporaneidade: A Crítica de Emmanuel Mounier à perspectiva individualista. **Intuitio**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 16-31, 2010. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/7718>. Acesso em: 29 jun. 2021.

VAZ, Henrique C. de Lima. Ética e razão moderna. **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 22, n. 68, p. 53-84, jan./mar. 1995. p. 53-54. Disponível em:

<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1132>. Acesso em: 21 maio 2021.